

JB. 3-12-97

Prêmio abre mostra

Divulgação

No panorama da arte brasileira, reconhecimento nem sempre é sinônimo de estabilidade financeira. Foi pensando nos artistas mais conceituados pela obra do que pela conta bancária, que a empresa United Distillers do Brasil idealizou o Prêmio Johnnie Walker, que brinda o público carioca com uma grande exposição, inaugurada ontem, no Museu Nacional de Belas Artes. A mostra reúne trabalhos recentes de três artistas contemplados pela empresa: Iole de Freitas, Amílcar de Castro e Eduardo Sued. Somados, os prêmios alcançam a quantia de R\$ 55 mil e têm como objetivo a formação de um acervo Johnnie Walker. "Faltava no Brasil uma iniciativa como esta, que reconhece artistas expressivos e que deram uma grande contribuição para a arte nos últimos anos", diz o escocês Charles Watson, coordenador do prêmio.

O fato de o berço de Watson e do uísque mais vendido no mundo ser o mesmo é uma mera coincidência.



Iole de Freitas: premiada

Watson está radicado no Brasil há 20 anos e foi indicado pelo Conselho Britânico para coordenar o prêmio por ser um profundo conhecedor da arte contemporânea brasileira. Para se chegar aos moldes desta primeira edição do prêmio foram necessárias oito reuniões com 224 personalida-

des ligadas à área. "Queríamos que fosse um evento sério e que não repetisse a velha fórmula da implementação de um salão. No Brasil já temos 17 salões", explica Charles Watson, de 46 anos. O júri, composto por cinco críticos de arte, será renovado a cada ano, para diversificar os conceitos que determinam a seleção dos premiados.

Cada um dos artistas doará, no fim da temporada no MNBA, um de seus trabalhos expostos para o acervo Johnnie Walker. A mineira Iole de Freitas optou por doar duas obras. "Elas constroem um significado juntas. Não poderia mutilar a extensão da idéia do trabalho", diz Iole, que expõe 11 trabalhos de 96 e 97, sendo que seis deles são vidrões explorando a fluidez e a transparência de cristais imersos na água. Amílcar de Castro exhibe nove de suas figuras geométricas laminadas e recortadas em tons oxidados e férreos e Eduardo Sued traz 12 telas inéditas.